

EUFRÁSIO DE ALMEIDA

(Um dos capítulos do 2º. Tomo da
«História da Literatura Cearense»).

DOLOR BARREIRA

Aí pelas alturas do ano de 1910, surge, no nosso cenário beletrístico, empunhando a lira de poeta, EUFRÁSIO DE ALMEIDA.

Verdade seja que os nossos historiadores literários não lhe dão, nas suas histórias, sequer, a honra do mais breve registro, por onde ao menos pudesse escapar ao olvido doloroso que sobre ele plumbeamente pesa.

É assim que Antônio Sales, na sua "*História da Literatura Cearense*", não faz a respeito de Eufrásio a menor ou mais longínqua referência, na mesma entristecedora omissão incidindo Mário Linhares, na sua recente "*História Literária do Ceará*".

Hugo Vitor passa sobre ele, como se não tivesse existido, regateando-lhe a mercê, a que fazia jús, da transcrição nos "*Sonetos Cearenses*", de qualquer um, que fosse, dos seus sonetos.

O certo, entretanto, é que Eufrásio de Almeida existiu, trabalhou, sofreu, e, sem ter feito o necessário aprendizado literário, pois cursou apenas até o terceiro ano de primeiras letras, produziu formosíssimos versos, de 1910, quando despertou para as agras mas sedutoras pugnas do espírito, a 1913, quando faleceu num humílimo leito da Santa Casa de Misericórdia. (1).

(1) Eufrásio nasceu a 2 de Setembro de 1888, nos sertões de Inhams, perto de Tauá. Era filho de João Ferreira de Almeida, sertanejo forte, de elevada estatura, em contraste com Eufrásio, que era de baixa

2 — Eufrásio de Almeida, quando, como se disse, despertou para a luta do espírito, empenhou-se nela com todas as potências da alma, ávida e ardorosamente.

Quando estava em Maranguape, aí fundou e redigiu, juntamente com Paulo Elpídio de Menezes e Homero de Albuquerque, a revista semanal "*Via Látea*", publicada a 1.º de janeiro de 1910.

Nessa revista-jornal publicou Eufrásio os seus primeiros sonetos. Entre outros, do meu conhecimento, enriqueceram-lhe as modestíssimas páginas — "*No templo*" e "*Eterna Vida*", o último dos quais tem características e particularidades a que, mais logo, me referirei.

3 — Colaborou, outrossim, Eufrásio de Almeida, em 1911 e 1912, com Cesar de Vasconcelos, Bastos Portela, Ramos Neto, Maria Sampaio, Vicente Bonfim e comigo também, nos meus tacteios e balbúcios de principiante, nas revistas de Fortaleza — "*Camélia*" e "*Constelação*".

Nestas duas revistas encontram-se os seguintes deliciosos sonetos de Eufrásio de Almeida:— "*Tarde na Roça*", "*Via Dolorosa*", "*Ironia da Luz*", "*Triunfal*" e "*No Inverno*".

Transcritos que foram no necrologio (2) que lhe escrevi e lí à beira da sepultura, conheço ainda dois sonetos de Eufrásio — "*Triunfal*" e "*Ao Coração*" que não me lembro onde foram

estatura e franzino, como eu mesmo posso pessoalmente assegurar, colegas de *república*, que fomos, cerca de um ano, aqui em Fortaleza.

De modestíssima condição, pois, salvo engano, seu genitor era bombeiro em Cangati, viveu, a partir de 1901, em casa de João Gaspar de Oliveira, em Junco, Uruquê e Maranguape.

Empregou-se na Estrada de Ferro de Baturité, como telegrafista.

Serviu nessa função, em Quixadá, em 1907 e, em 1908, 1909 e 1910, em Maranguape.

Em 1911, permaneceu em Guaiuba, até vir para a Contadoria da mesma Estrada, onde trabalhou a partir de 10 de novembro de 1912 até quando faleceu, a 13 de maio de 1913.

(2) Este necrológio vem estampado, na íntegra, no "*Jornal do Ceará*" de 17 de maio de 1913. de que era então Diretor o Dr. Artur Cirilo.

publicados, como igualmente não sei onde foi publicado o soneto "*Sonho*", também do meu conhecimento.

4 — Eufrásio, como eu mesmo disse, no precitado necrológio, era um poeta . . . "Tinha, cintilante, na fronte calma, altiva, imperturbável, o selo genial dos predestinados à poesia"... "A semente milagrosa germinara, com toda pujança latente de seiva, naquele cérebro privilegiado, e, apenas nascente ainda prometia florescências soberbas, frutificações magníficas em futuro não mui remoto" . . .

A sua poesia, porém, não obedecia a canones nem a escolas.

Eram simples harmonias interiores que transportava para o papel sob a forma de quartetos e tercetos, numa linguagem bem soante, límpida e escorreita.

Não sacrificava à forma, como o parnasianismo de então, já com plena repercussão entre nós.

Embora não a desadorasse, tanto que procurava imprimir ao seu estilo a mais bem entrosada aparência, dava sempre o maior relevo ao sentimento, — subjetivista que ele era no mais elevado grau — cantando, líricamente, o amor e a mulher, como nos sonetos:

TRIUNFAL

Passas!... E essa belesa estonteadora
Perturba, atrai, deslumbra, enleia, prende!...
E minha alma, a teus pés, um culto rende
Ao teu encanto triunfal, senhora!

E sonha e gosa e, ebria de amor, ascende
Enlevada e feliz, na embriagadora,
Essência morna, ondeante, enervadora,
Que do teu corpo jáspeo se desprende!

E como sou feliz nesses momentos! —
Esquecido das máguas, dos tormentos,
De mim proprio esquecido, — a contemplar-te!

E se acaso te afastas, eu te sigo:
Vives em mim; eu trago-te comigo,
Nas vigílias, no sonho, em toda parte.

NO TEMPLO

Quando a tarde se esvai e o dia é findo,
À igreja tu vais resar, piedosa...
E ali, crente, contrita e fervorosa
Ergues a Deus o teu olhar mais lindo.

Depois o roseo manual abrindo,
Esquecida de mim, talvez, formosa,
Tu descerras a boca cor de rosa —
Numa longa oração — um tempo infindo!

Debalde, então, procuro os teus olhares:
Vejo-os fitos no livro ou — dos altares
Buscando o Cristo entre os fulgentes lumes!...

Nessas horas, (perdão se isso te ofende),
Maldigo o livro que teus olhos prende,
E até do próprio Deus tenho ciumes!

SONHO

Sonhei: amava-a; e deste amor falando,
Eu lhe mostrava o coração aberto,
E ela me ouvia, junto a mim tão perto
Que eu lhe escutava o coração pulsando.

Porem do enlevo deste sonho brando,
Eis que de chofre, sem querer, desperto!
Busco-a... e só vejo o leito meu deserto!...
Pensei: — fugiu... Mas, para onde? quando?...

E desolado me levanto e espreito:
Nada! — só ouço o palpitar do peito
Ainda preso da emoção primeira!

Punge-me, então, uma tristeza infinda!...
Ai! se eu pudesse, adormecido ainda,
Sonhar com ela a minha vida inteira !

TRIUNFAL (3)

Pudesse eu copiar no mármore divino
Do Verso, essa beleza helênica que eu vejo
Como a provocação mais viva do desejo
Sob a forma ideal de um corpo feminino!

E assim perpetuar o encanto peregrino
Que de ti se irradia e me oferece ensejo
De morrer a teus pés, suplicando o teu beijo,
A cantar-te o esplendor num derradeiro hino!

E, expirando, legar ás gerações futuras,
No Verso eternizada, — a plástica radiosa
Que te furta ao vulgar das outras criaturas!

Mas, a te descrever não se me anima a idea,
Que uma belesa assim, tão grande e majestosa,
Não cabe em madrigais; faz jús a uma epopea!

NO INVERNO

Ruge o vento e, lá fora andam no ar gelado
Uns soluços de mágua, uns laivos de desgosto
— Lembrando as vesperais tristezas do sol-posto
Quando o Dia se fina em sombras abismado.

(3) Este outro soneto de Eufrásio de Almeida tem ainda realmente o título de "*Triunfal*", como o outro já por nós anteriormente transcrito. E' datado de 1912 e foi escrito em Fortaleza, achando-se inserido na página de "*Descantes*" da revista "*Constelação*", n.º. 11 de outubro e novembro de 1912.

É o sol triste e sem luz, o sol quasi apagado,
Mostra a furto, entre a bruma, o merencório rosto,
Parte, cortando a nevoa, ao temporal exposto,
De andorinhas — o bando irrequieto, alado!

Desertoras do Azul, — um outro Azul buscando,
Partem, hirtas de frio, e tremulas, chilrando,
Vão viver d'outro sol aos cálidos lampejos...

E eu não poder tambem, de amor e luz sedento,
Seguindo-as através desse espaço nevoento,
Ir tambem aquecer-me ao fogo de teus beijos!

VIA DOLOROSA

A uma pacatubana

Já não posso lutar contra esta sina
A que, sem forças, mísero me entrego;
Jurei não mais amar... mas onde chego
Sempre ao amor meu coração se inclina.

É o juramento, o último, se fina!...
É que — pobre de mim! — nem mesmo o nego —,
Não sei mostrar-me indiferente, cego,
Ao que é belo, ao que encanta, ao que fascina!

Vê: ha pouco te vi, e apaixonado,
Dos últimos protestos esquecido,
Eis-me a teus pés, humílimo, curvado...

E já soffro a lembrança de deixar-te
E ir de novo — da sina perseguido —,
Deixando o coração por toda parte!

IRONIA DA LUZ

Parti!... Toda a minh'alma tremula e inquieta,
Fugia para ti num derradeiro anseio!
E eu sentia oprimir-me o íntimo do seio
Toda a angústia cruel da minha dor secreta!

E segui... e segui... O sol — doirada seta —
Traspassando, subtil, o horizonte ao meio,
Vivo, alacre, travesso e rutilante, veio
Em breve encher de luz toda a amplidão quieta.

E eu tinha o coração desfeito em pranto ainda!
Torturava-me a alma u'a saudade infinda,
Prostrava-se-me o ser num doloroso espasmo!

E a luz se difundindo, alegre e radiosa,
Parecia atirar-me á face — inda chorosa,
O mais agro e pungente, o mais cruel sarcasmo!

5 — A natureza, de seu lado, provocou a sensibilidade de Eufrásio, inspirando-lhe versos de extrema beleza, como os que se contem no soneto:

TARDE NA ROÇA

Ao Paulo Menezes

...amorosos turturavam a balata volutuosa, passional do beijo. MYRRHA
— V. Tourinho.

Vai se ocultando o sol na fímbria do poente
Que nest'hora parece uma sangrenta chaga...
Como que chora a terra o astro que se apaga
No supremo estertor duma agonia ingente!

No umbroso matagal que a viração afaga
Geme a rola, saudosa, uma canção dolente;
E esse canto de dor, nostálgico e plangente,
Espalha pelo azul uma tristeza vaga!...

Recolhem ao redil as mansas ovelhinhas,
Em torno dos casais, o bando de andorinhas
Despede-se do sol num derradeiro adejo.

E enquanto a noite vem, os pombos namorados
Turturinam, febris, á borda dos telhados,
A balata feliz, passional, do beijo.

6 — Eufrásio era um triste, um desencantado da vida.

Resultava isso talvez de exigências irresistíveis do temperamento ou do mais chocante contraste entre a grandeza dos seus ideais e a chateza ambiente.

A idea da morte próxima avassalava-o, desiludindo-o...

O dia do aniversário, para outros motivo sempre de gaudio e festas, o seu soneto "AO CORAÇÃO" vai dizer-nos como se lhe representava sombria e presagamente, indo confirmar-nos, do mesmo passo, na verdade de tudo que acima fica afirmado.

Ei-lo:

AO CORAÇÃO

E' hoje, coração, o nosso aniversário !
Festejemo-lo, a rir; da crença, que te resta,
Faze um hino triunfal, em honra desta festa,
Que é mais uma conquista em nosso itinerário.

Vamos! Despe da mágua o lobrego sudário
E um cunho de ventura a esta data empresta...
Mas, não! Para! não vês? E' a morte que se apresta,
E eu já distingo, perto, os cimos do Calvário.

Ajoelha-te e empunha o lúgubre psaltério...
A vida é mesmo assim, — um sopro de mistério,
E quem sabe se a nossa é já chegada ao cumulo !

Entoemos, portanto, uma canção sentida,
Poís se o dia de hoje é um passo para a vida,
Representa igualmente um passo para o tumulo.

7—Minava-o, ao Eufrásio, a mais desconsoladora e pungente descrença religiosa.

Não acreditava na existência de Deus. Era materialista.

Para ele só existia a matéria, indestrutível, imortal, embora mudando-se e transformando-se...

Parecia impregnado de Buchner, e lido na "*Força e Matéria*", ordinariamente considerada, ao que nos diz Farias Brito, como a Bíblia do Materialismo.

Profissão de fé materialista é o seu soneto

ETERNA VIDA

Ao Paulo E. de Menezes

Por toda parte, a Natureza imensa,
Radiante de Amor, fecunda — a vida
Ativa, espalha e a tem distribuída
Com a previsão de quem medita e pensa.

Dai — num Deus a mentirosa crença,
— E toda uma doutrina fermentada,
No alvorecer dos séculos — nascida
E sempre, ao erro, a nos levar propensa.

Eu não creio, porém, que a vida acaba,
Se aqui baqueia um corpo e ali desaba
Um galho, um fruto — em pó se consumido...

A vida é eterna: mudam-se os aspectos,
Mas da cinsa, do pó dos esqueletos
Sob outra forma, ei-la, amanhã, surgindo. (4)

(4) Este soneto tem uma história que o Dr. Paulo Elpídio de Menezes, entre outras revelações, conta na carta abaixo a mim dirigida e com que m' o remeteu: "Dolor amigo — Aí tem V. o soneto de que lhe falei. O autor ofereceu-mo porque conhecia o assunto de que eu mais gosto. Convivemos. Trocámos ideias. Eufrásio era um espírito de elite.

De 1909 a 1910, ele passou em Maranguape, onde tinha eu a minha barbearia.

O acatamento que sempre devotei às inteligências privilegiadas me fez em pouco um dos amigos mais distinguidos pelo poeta e estilista.

8 — A musa da sátira, galhofeira e foliona, frequentava, por vezes, a poesia de Eufrásio de Almeida.

Essa sua tendência para a ironia e o epigrama no-la faz sentir Paulo Elpídio num dos tópicos da carta que ficou transcrita em nota, lamentando, todavia, que a produção de Eufrásio sob esse aspecto se tenha perdido no transeunte e precário dos jornais e revistas em que colaborou.

Era sobretudo no tracejamento zombeteiro e patusco de “*perfis*” de pessoas nossas conhecidas, que ele satisfazia a essa inclinação do seu temperamento poético, no emprego da qual, de resto, encontraria um derivativo a sua tristeza congenita e aos seus desalentos íntimos, castigando ao mesmo tempo com o

Mas a nossa humilde posição, a nossa pobreza trancavam a porta às nossas pretensões.

Eufrásio exercia o cargo de telegrafista da então *Estrada de Ferro de Baturité* — não é preciso mais para esclarecer a falta de credenciais, nos meios letrados da época.

Conciente do seu *nenhum merecimento* para as “*panclinhas*” dos literatos do seu tempo, ele as ironisava com epigramas interessantes. Lamentável que tudo, ou quasi tudo isso se tenha perdido.

Não tinha instrução.

“Não conheço nada de gramática” — dizia, quando eu lhe perguntava onde havia aprendido.

Assim acontecia no momento em que eu lhe mostrava o que, a custo, escrevia para o jornaleco que fundamos. O *Via Lactea* partiu dele.

Em Fortaleza, havia um jornal literário, do qual era Diretor Ulisses Beserra, tendo como auxiliar Liberato Nogueira.

Este era o encarregado de rever as poesias destinadas á publicação no hebdomadário.

Eufrásio escreveu o “Eterna Vida” e pediu a Ulisses a sua publicação.

Quando recebeu a “*Jangada*”, notou que o soneto havia saído alterado no último terceto, do modo seguinte :

“A vida é eterna: mudam-se os sudários,
Mas da cinsa, do pó de outros fadários
Sob outra forma ei-la, amanhã, surgindo”.

Eufrásio mostrou-me o número do jornal com a publicação, protes-

riso a ingratidão e a maldade humana, que o espesinhavam e afligiam...

Conheço o primeiro quarteto do soneto com que nos traçou o perfil de um falecido pagador da Estrada de Ferro de Baturité.

Ei-lo :

“E’ um capitão agora o perfilado
Nas linhas deste tropego soneto;
Futil nos modos e no andar faceto,
Foi outrora “gansista” inveterado”.

.....

Aí está, em rápidas pinceladas e em suas feições capitais, o poeta que foi Eufrásio de Almeida.

Pelo que se mostrou se vê que é injustíssimo o esquecimento a que o condenaram e que, ao contrário, lhe cabe, de direito e inquestionavelmente, um lugar — e lugar marcante —, nas letras poéticas do Ceará.

E foi para dizê-lo alto e bom som — que escrevi este modesto trabalho.

tando contra a corrigenda. Adiantava que a poesia não era a que ele escrevera.

Esse fato fe-lo dirigir uma missiva a Ulisses. Justificou perante o diretor da “*Jangada*” em que se firmara para o emprego do som *ê* com o som *é*.

Lembro-me perfeitamente que, dentre as obras citadas em amparo da rima, se encontrava um soneto de Olavo Bilac.

Aí estava exemplo identico. O primeiro dos vates brasileiros havia rimado — *êla* com *estrêla*.

Eis aí um dos motivos que nos levaram a fundar o *Via Lactea*. Eu, impulsionado pela *cegueira* de aprender; ele, pela convicção que tinha do seu valor, muito embora modesto.

O nosso jornaleco publicou o soneto tal qual escreveu o seu autor.

Assim foi por mim cortado do *Via Lactea* e pregado na folha de um livro. E’ o único trabalho que conservo do Eufrásio.

Com um abraço de gratidão subscrevo-me

Paulo E. Menezes”